VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DENTRO DA COMUNIDADE LGBT

Letícia Kovalski Monico (PROVIC), Marina Chiara Legroski (Orientador), e-mail: marinalegroski@gmail.com.
Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Estudos da Linguagem.

Letras e Teoria e análise linguística

Palavras-chave: Construção de Identidade lésbica, gírias lésbicas.

Resumo
Neste trabalho, será abordada a construção da identidade LGBT, mais especificamente sobre a identidade lésbica, dentro de uma sociedade machista, e mostrar algumas problemáticas que estas mulheres passam ao assumir esta identidade. Além disso, quebrar alguns estereótipos sobre o que é ser lésbica e trazer algumas gírias que as mulheres lésbicas costumam usar, com o foco de mostrar registros linguísticos compreendidos na expressão desta identidade.

Introdução
A existência de uma linguagem que identifique um grupo é um fenômeno muito importante, visto que a fala é considerada um meio de comunicação que tem como capacidade exprimir o pensamento e reproduzi-lo através de palavras, mas, além disso, serve para expressar a identidade de um grupo. Podemos perceber que há uma heterogeneidade desse fenômeno, visto que cada comunidade possui os seus dialetos. E para entender um pouco mais sobre seus dialetos, precisamos compreender como ocorre essa construção de identidade. Muitas vezes, as pessoas entram em crise até achar a sua própria identidade: esta construção é algo delicado e ocorre ao longo da vida, sendo relativo de pessoa para pessoa. Para as pessoas heterossexuais, brancas, de classe média a alta, normalmente, este processo é mais fácil, visto que há uma grande “representatividade” dos papéis sociais que podem ser assumidos por pessoas com estas características sociais. Isto, porém, não acontece com quem está fora deste grupo, e normalmente é identificado como “minoria”. Por isso, algumas vezes, os LGBTs acabam demorando um pouco mais para compreender a si mesmos, em consequência de não estarem inseridos em uma realidade com a qual se identificam, o que acaba gerando alguns conflitos interiores. Atualmente, as sociedades têm uma limitada noção do que é o grupo LGBT. Ao iniciarmos essa pesquisa, tínhamos a ideia de que o Pajubá (espécie de dialeto utilizado por pessoas LGBTs) era empregado de maneira mais ou menos uniforme entre os membros da comunidade LGBT mas, no decorrer da pesquisa, acabamos por entender que ele não se apresenta de forma generalizada, mas com maior ênfase entre gays e travestis. Deste modo, decidimos nos aprofundar na construção da identidade lésbica, como ela é formada e quais os estereótipos que as pessoas usam para considerar que a mulher é ou não lésbica.

Material e Métodos
O procedimento metodológico foi análise de alguns relatos, recortados de vídeos em que mulheres que se assumiram lésbicas relatam as suas experiências, bem como buscar estereótipos que estão conectadas a esse grupo, na tentativa de demonstrar que tipo de construção identitária está presente na sociedade.

Para esta pesquisa, tivemos como base o artigo “Diversidade sexual e de gênero: a construção do sujeito social” da Ariana Kelly Leandra Silva da Silva, e “Nem tudo tem graça: A construção de estereótipos e representações sociais negativas no discurso “humorístico” de Professores de Cursos Pré-Vestibulares”, Larissa Giacometti Paris para entender um pouco melhor como os LGBTs são tratados por pessoas com discurso heteronormativo. Além disso, a análise dos vídeos contribuiu para analisar o que a mulher lésbica passa até conseguir se assumir lésbica. Os vídeos analisados são do “Canal das Bee’, o qual possui muitos relatos de pessoas que são da comunidade LGBT.

Resultados e Discussão

A construção da identidade é algo muito complexo e, desde pequenos, estamos sujeitos a nos encontrar e nos encaixar numa identidade social. A sociedade tem grande culpa nisso, de modo que, ao nascer você já possui uma identidade de gênero e, por conseguinte, a sua definição de sexualidade. A falta de representação cria uma série de dúvidas e incertezas sobre quem a criança é. Trazemos, a seguir, uma definição de identidade de gênero:

> Gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Diferente da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quanto as pessoas cisgênero. (JESUS, 2012, p.24)

Além de gênero, trazemos a definição de Orientação Sexual da mesma autora:

> Gênero se refere a formas de se identificar e ser identificada como homem ou como mulher. Orientação sexual se refere à atração afetivossexual por alguém de algum/ns gênero/s. Uma dimensão não depende da outra, não há uma norma de orientação sexual em função do gênero das pessoas, assim, nem todo homem e mulher é “naturalmente” heterossexual. O mesmo se pode dizer da identidade de gênero: não corresponde à realidade pensar que toda pessoa é naturalmente cisgênero. (JESUS, 2012, p.12)

Com base nisso, podemos afirmar que muitas pessoas acreditam de modo errôneo, que trazer a discussão sobre o que é gênero e sexualidade influenciará no que a criança virá a ser quando crescer. Algumas pessoas não tem conhecimento que todo mundo nasce com determinada identidade de gênero e determinada orientação sexual, isso não é algo que possa ser mudado ao longo do tempo. As pessoas repetem – erroneamente – o discurso de que a identidade sexual e de gênero nascem juntas para todas as pessoas; por exemplo, se você é do gênero feminino, você é mulher e deverá estar satisfeita assim. No entanto, há casos em que a pessoa nasce mulher, mas não se sente como tal e sim como um homem, ou vice e versa. É como estar em um corpo que não é seu. Chamamos isso de identidade sexual, e muitas vezes, ocorre a transição de gênero para que enfim a pessoa consiga se sentir bem com seu gênero.

Além da identidade sexual, temos a orientação sexual, para exprimir a ideia de quando uma pessoa sente atração ou ligação afetiva por outra pessoa sendo ela do mesmo gênero ou não. Quando a mulher sente atração por outras mulheres, ela é considerada “homossexual”, e há também a possibilidade de ela sentir atração pelos dois gêneros, o qual é socialmente chamado de “bissexual”. Estamos falando da

mulher devido ao fato de ser o principal objeto de estudo nessa pesquisa, mas as mesmas nomenclaturas se aplicam aos homens.

Ainda se tratando de sexualidade, há o termo “opção sexual”, que ainda é muito utilizado no vocabulário das pessoas, porém equivocadamente. O termo “opção”, de acordo com o dicionário Priberam, significa ato ou faculdade de optar; livre escolha”. Porém, sexualidade não é algo que podemos optar; as pessoas LGBTs sofrem, muitas vezes vem a óbito, pelo simples fato de ter uma orientação sexual que não é padrão perante outras pessoas. Essa “não aceitação” provém de costumes ou religiões que consideram que, em termos de relacionamento afetivo-sexual, o homem foi feito para a mulher e vice-versa. Esse conceito tradicional é conservador, machista e homofóbico. E para entendermos como é o processo de construção de identidade e como as lésbicas “saem do armário” que vamos analisar as falas presentes em alguns vídeos, disponíveis no Youtube através do “Canal das Bee”. A Jéssica, que é uma das idealizadoras e produtoras de conteúdo para canal, explica no vídeo “Começo da vida homossexual – Pergunte às Bee” que muitas pessoas que assistiam os vídeos do canal a um ano atrás ainda estavam no armário e que, com os vídeos, foram descobrindo a melhor forma de assumir a sua sexualidade, visto que é algo muito novo e isso pode ser recebido pelas pessoas de modo positivo ou negativo, por isso há um certo anseio. Este anseio é causado pelas pessoas que usam de discursos homofóbicos e que tratam a homossexualidade como se fosse uma doença ou algo negativo. Usam o termo “sapatão” como xingamento a uma menina que seja mais masculina, entre outros comportamentos de não aceitação.

Assim, chegamos em um outro ponto importante para essa construção identitária, que são os estereótipos das lésbicas. A expressão “mulher lésbica” projeta um estereótipo que vai oferecer um padrão pronto tanto de imagem (parecer mais “masculina” por ter o cabelo curto, por exemplo), quanto de vestuário (camisa xadrez, por exemplo), quanto de gostos e preferências musicais (associa-se muito que mulheres lésbicas vão ouvir cantoras também lésbicas, como Ana Carolina ou Maria Gadú, por exemplo). Estas características não são inteiramente falsas, porque algumas mulheres lésbicas de fato as apresentam, mas elas não são universais e nem pré-requisitos para que uma mulher seja considerada lésbica, até porque há mulheres e homens heterossexuais que adotam esses gostos e usos de roupas. Durante a pesquisa, percebemos a utilização de algumas palavras como gírias, entre elas:

- Girino: lésbicas que estão “saindo do armário”;
- Shimba: esse termo tem como referência a música Shimbalaiê da Maria Gadú, que também é lésbica, e se utiliza para se referir à lésbica;
- Embocetada: quando a lésbica está apaixonada ou irritada;
- Chá de buceta, amor de xoxota: a mulher se apaixona pelo ato sexual;
- Brejo: grupo de lésbicas reunidas;
- Butch, caminhão ou caminhoneira: lésbicas “masculinizadas”;
- Sapatinhas, lady: lésbicas “femininas”, que gostam de andar maquiadas;
- Rebuceteio: rede de mulheres que já ficaram umas com as outras;
- Sapa alpha: lésbica que se relaciona com muitas *ladies*;
- Namoridas: como as lésbicas se chamam carinhosamente;
- “não fazer a lésbica”: não ser tão grudento;
- Colar velcro, botar a aranha para brigar, bater bolacha: sexo lésbico.

ISSN 1676-0093

Essas palavras não estão inseridas no Pajubá, que era nosso objeto de estudo inicial. Deste modo, podemos ver que as lésbicas estão criando um linguajar independente, criando sua própria identidade. Isso não significa que uma mulher lésbica que não saiba o significado ou não utilize essas gírias deixará de ser reconhecida como lésbica por isso. Esperamos que esse linguajar cresça cada vez mais e que as lésbicas consigam se descobrir e construir sua identidade com a representatividade que vem crescendo a cada dia.

Conclusão

Chegamos à conclusão de que a representatividade ajuda na construção da identidade, pois, no caso das lésbicas, é vendo relatos de mulheres lésbicas contando as suas experiências que elas acabam se descobrindo, se entendendo e, assim, finalmente tudo começa a fazer sentido. É importante se sentir representado num meio onde o que prevalece são os discursos heteronormativos. É um processo ora fácil ora difícil, vai depender das pessoas que estão envolvidas e isso está ligado, muitas vezes, à religiosidade. É uma construção identitária que deveria ser tratada como uma identidade qualquer, afinal, não há nada de errado em amar alguém do mesmo sexo. E que haja muitos relatos de “como sair do armário” para que encorajem as mulheres lésbicas a serem quem elas realmente são, sem medo.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à minha orientadora Marina Chiara Legroski que aceitou o meu pedido. No início eu estava muito perdida em relação ao que pesquisar especificamente e ela foi me guiando e dando algumas ideias do que eu poderia fazer.

Referências

Bee, Canal das. 10 COISAS QUE VOCÊ PRECISA SABER ANTES DE SAIR DO ARMÁRIO. (2m35s). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=23F6VrE3HS4&t=29s >. Acesso em: 30 set. 2018.

Bee, Canal das. 10 SITUAÇÕES QUE TODA LÉSBICA PASSA. (4m17s). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=B_onZqTlfFU&t=9s >. Acesso em: 30 set. 2018.

Bee, Canal das. TOP 10 GÍRIAS LÉSBICAS. 2014. (5m16s). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=r_1TPJB_1bg&t=29s >. Acesso em: 30 set. 2018.

G. P. Larissa**. Nem tudo tem graça:** A construção de estereótipos e representações sociais negativas no discurso “humorístico” de Professores de Cursos Pré-Vestibulares. Campinas, 2013.

Jesus, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero:** conceitos e termos / Jaqueline Gomes de Jesus. Brasília, 2012. 42p.

S.S, Ariana Kelly Leandra. Diversidade sexual e de gênero: **a construção do sujeito social.** Universidade Federal do Pará (UFPA). Rev. NUFEN vol.5 no.1, São Paulo, 2013.